
HISTÓRIAS QUE CRUZAM FRONTEIRAS E CONECTAM CORAÇÕES

MIRIÃ TEIXEIRA VIEIRA¹

<https://orcid.org/0009-0005-0030-8085>

miriapeg@gmail.com

RESUMO

O projeto “Histórias que cruzam fronteiras e conectam corações” foi desenvolvido ao longo do ano de 2024 na Escola Municipal Professora Eunice Alves Vieira, em celebração aos seus 20 anos. Teve como objetivo geral promover o diálogo sobre identidade, pertencimento e diversidade cultural, valorizando as trajetórias dos alunos e suas famílias, com atenção especial às crianças migrantes venezuelanas. O marco teórico apoiou-se em autores como Bakhtin, Libâneo, Candau, Colomer e Fleuri, que destacam a linguagem, a interculturalidade e o papel da escola como espaço de formação integral. A experiência pedagógica foi mediada pela literatura infantil e incluiu rodas de conversa, leitura de obras como *Travessias* e *A menina que abraça o vento*. Os principais resultados alcançados foram o fortalecimento de vínculos, o estímulo à empatia e à escuta ativa, além do desenvolvimento de competências socioemocionais e de expressão oral e escrita, consolidando a escola como espaço de acolhimento e valorização da diversidade.

Palavras-chave: Educação Intercultural. Identidade. Literatura Infantil. Pertencimento

RESUMEN

El proyecto “Historias que cruzan fronteras y conectan corazones” se llevó a cabo durante el año 2024 en la Escuela Municipal Profesora Eunice Alves Vieira, en conmemoración de sus 20 años. Su objetivo general fue fomentar el diálogo sobre identidad, pertenencia y diversidad cultural, valorando las trayectorias de los estudiantes y sus familias, con especial atención a los niños migrantes venezolanos. El marco teórico se basó en autores como Bakhtin, Libâneo, Candau, Colomer y Fleuri, que destacan el lenguaje, la interculturalidad y la escuela como espacio de formación integral. La experiencia pedagógica fue mediada por la literatura infantil e incluyó círculos de diálogo, lectura de obras como *Travessias* y *La niña que abraza el viento*, elaboración de carteles, maquetas y una “maleta simbólica”. Los principales resultados fueron el fortalecimiento de vínculos, el estímulo a la empatía y a la escucha activa, así como el desarrollo de habilidades socioemocionales y de expresión oral y escrita, consolidando a la escuela como un espacio de acogida y valorización de la diversidad.

Palabras clave: Educación intercultural. Identidad. Literatura infantil. Pertenencia

1. APRESENTAÇÃO

O presente relato descreve uma experiência pedagógica desenvolvida ao longo do ano de 2024, tendo como ponto de partida a celebração dos 20 anos da Escola Municipal Professora Eunice Alves Vieira. Para marcar essa data tão

¹ Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Especialização em Mídias na Educação (UFSJ) e em Ensino de estudantes com deficiência na Educação Inclusiva (UFJF). Graduação em Pedagogia (CES/JF) com experiência nas áreas de Artes e Literatura Infantil.

significativa, foi concebido um projeto especial, com o tema “Histórias que cruzam fronteiras e conectam corações”, que buscou valorizar memórias, vivências e identidades dos estudantes, reconhecendo a pluralidade de histórias que constroem o dia a dia da escola, composta por crianças oriundas de diferentes localidades e culturas.

O fluxo migratório nos últimos anos vem intensificando a presença de crianças venezuelanas na comunidade escolar, trazendo novos desafios e, sobretudo, ricas oportunidades de aprendizado coletivo. Ao ingressarem na escola, esses alunos trazem consigo memórias afetivas, experiências anteriores em instituições de ensino e narrativas marcadas por deslocamentos e adaptações.

A língua materna, o espanhol, se destaca como uma das primeiras diferenças notadas pelos colegas, mas, à medida que os alunos venezuelanos compartilhavam suas histórias e vivências, tornava-se evidente que as distinções iam muito além do idioma — elas se refletiam também em valores, hábitos e perspectivas que enriqueciam o convívio escolar. Ao abrir espaço para que as crianças venezuelanas expressassem suas trajetórias e integrassem suas identidades ao ambiente escolar, a escola reafirmava seu compromisso com a valorização da diferença e com a construção de um espaço verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Surgiu então, uma proposta fundamentada na literatura infantil, sendo esta utilizada como fio condutor das atividades e vivências, possibilitando o desenvolvimento de ações significativas que fomentassem o diálogo sobre identidade, pertencimento e diversidade cultural.

Por meio de discussões, produções artísticas, apresentações e trocas afetivas foi possível criar um ambiente acolhedor, em que cada criança se sentisse reconhecida, ouvida e representada. O trabalho buscou, assim, construir pontes entre experiências individuais e coletivas, reforçando o papel da escola como espaço de convivência, inclusão e construção de sentidos para a vida em sociedade.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

Este relato compartilha a trajetória de uma ação pedagógica realizada na Escola Municipal Professora Eunice Alves Vieira. Localizada no bairro Barbosa Lage, na zona norte da cidade de Juiz de Fora (MG), a escola é um importante

espaço de aprendizagem, convivência e construção de vínculos da comunidade local, acolhendo crianças de diversas origens e trajetórias.

As atividades descritas foram desenvolvidas com duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, cada uma composta por aproximadamente 23 alunos, com idades entre 8 e 10 anos. A maioria desses estudantes reside no bairro Barbosa Lage e em suas proximidades, frequentando a escola desde os anos iniciais da Educação Infantil e mantendo uma relação de pertencimento com a instituição.

Entre os alunos das turmas, há também a presença de crianças migrantes advindas da Venezuela, que chegaram recentemente ao Brasil. Sua inclusão no ambiente escolar tem representado um exercício de acolhimento, respeito à diversidade cultural e construção de uma convivência mais rica e significativa entre os estudantes.

As propostas realizadas ao longo do projeto buscaram integrar os saberes dos alunos, valorizar suas histórias e promover experiências que fortalecessem o sentimento de identidade, pertencimento e cidadania, especialmente, em um ano tão simbólico para a escola.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O projeto, desenvolvido junto aos alunos, parte de uma concepção de educação que compreende o estudante como sujeito ativo, protagonista de sua história e integrante de uma comunidade escolar plural, marcada por múltiplas identidades e vivências culturais (Candau, 2013).

A linguagem, neste contexto, é concebida em constante construção e reconstrução. Sob a perspectiva de Bakhtin (1992), ler é participar de um diálogo vivo com o mundo. A linguagem e o pensamento se entrelaçam na experiência humana e possibilitam a interação com o outro, com os textos e com a realidade. Como afirma o autor, "a vida é dialógica por natureza" (p.48), assim, a palavra é o espaço privilegiado dessa troca, na qual o sujeito se envolve integralmente — com o corpo, a mente, os sentimentos e suas ações.

Esse entendimento embasa a escolha da literatura como ponto de partida para o desenvolvimento das ações do projeto. Os textos literários, além de promoverem o encantamento e o prazer da leitura, tornam-se pontes para o diálogo,

a escuta e a expressão das experiências individuais e coletivas dos estudantes, valorizando suas identidades e histórias.

Teresa Colomer (2007) destaca a dimensão social da leitura ao refletir sobre sua prática compartilhada. Para a autora, os textos literários não se limitam a uma experiência isolada; ao serem partilhados, transformam-se em espaços de diálogo coletivo que fortalecem identidades e histórias pessoais. Esse processo ocorre desde a recepção individual da obra até sua integração em um contexto coletivo que a interpreta, discute e atribui sentidos.

Libâneo (2000) contribui para esse olhar ao afirmar que a educação é composta por um conjunto de processos e estruturas que influenciam o desenvolvimento humano em sua relação com o ambiente natural e social. Essa abordagem permite reconhecer a escola como um espaço de formação integral, em que as vivências culturais dos alunos — especialmente, em contextos de diversidade — são essenciais para enriquecer a prática pedagógica. Valorizar essas experiências significa reconhecer os estudantes como produtores de cultura, com saberes e trajetórias que devem ser acolhidos e potencializados no cotidiano escolar.

Nesse sentido, adotar uma perspectiva intercultural torna-se fundamental. Conforme Candau (2013), a Educação Intercultural parte da valorização da diferença como riqueza e da promoção de diálogos entre sujeitos, saberes e culturas, com vistas à construção de uma sociedade mais justa e democrática. Ao inserir esse olhar no projeto, buscamos não apenas acolher os alunos migrantes venezuelanos presentes nas turmas, mas também ampliar a consciência de todos os estudantes sobre a importância do respeito, da empatia e da convivência com a diversidade cultural e linguística.

Complementando essa reflexão, Fleuri (2003) ressalta que é preciso respeitar as diferenças e integrá-las em uma unidade que não as anule. Com base nesse princípio, as atividades propostas tiveram como foco o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a valorização das línguas familiares, das memórias e das narrativas de cada estudante, reconhecendo sua singularidade dentro do coletivo escolar.

Assim, o projeto articula teoria e prática, literatura e experiência, identidade e acolhimento, promovendo um ambiente educativo em que todos se sentem vistos, ouvidos e respeitados — e em que as histórias, de fato, atravessam fronteiras e promovem conexões humanas significativas.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A primeira etapa do projeto consistiu na apresentação do tema aos alunos, em um momento coletivo de roda de conversa. A história da escola foi resgatada com destaque para os principais acontecimentos ao longo de suas duas décadas de existência, o que despertou nos alunos relatos sobre suas famílias, muitos dos quais contaram com gerações anteriores que também frequentaram a escola.

Nesse momento do projeto, surgiram perguntas curiosas feitas pelos alunos venezuelanos, que, por serem recém-chegados à escola, demonstravam interesse em conhecer mais sobre acontecimentos passados naquele espaço. Questionamentos como “É verdade que você já desfilou na rua da escola junto com a professora?”, “Será que isso vai acontecer de novo este ano?” e comentários como “Eu gostei de saber que aqui tem festa de carnaval. Na minha antiga escola não podia usar fantasia, só dançar” revelavam a curiosidade e o desejo de pertencimento desses estudantes. Ao mesmo tempo, os alunos que já frequentavam a escola há mais tempo iam reconstruindo sua história por meio de relatos e lembranças, compartilhando suas vivências e contribuindo para a construção de uma memória coletiva.

Na sequência desse processo, foi utilizado um mapa da cidade de Juiz de Fora, possibilitando aos estudantes localizar a escola e situar suas próprias moradias. Essa atividade foi ampliada com a ideia de usar outros mapas e um globo terrestre, pois muitos alunos mencionaram lugares distantes onde já haviam morado ou que conheciam, gerando interesse e curiosidade sobre diferentes regiões e países — um gancho essencial para o início do trabalho com as obras literárias escolhidas.

Nessa etapa do projeto, os relatos dos alunos sobre seus deslocamentos puderam ser ouvidos com atenção. A mudança de país não aconteceu de forma

direta até a cidade onde atualmente residem, e os caminhos percorridos foram marcados por vivências singulares.

Uma aluna, em especial, compartilhou com detalhes a trajetória vivida com sua família: esconder-se na floresta, tomar banho em cachoeiras, acender fogueiras e esperar a passagem de um caminhão para conseguir uma carona faziam parte de sua narrativa. As histórias despertaram a imaginação dos colegas, que chegaram a dizer que pareciam cenas de um filme cheio de aventura, tamanhos os desafios enfrentados por ela e sua família.

A partir dessa vivência, foram introduzidos os livros “Travessias”, de Dílvia Ludvichak, e “A menina que abraça o vento”, de Fernanda Paraguassu. Ambos retratam, de maneira sensível, as histórias de crianças que enfrentaram processos de migração e adaptação a novos contextos.

A leitura de “Travessias” proporcionou uma rica reflexão sobre a personagem Stela, uma menina refugiada que, com sua família, deixa sua terra em busca de uma nova vida. Os alunos se identificaram com a narrativa, especialmente os estudantes migrantes venezuelanos presentes nas turmas, criando um ambiente propício para o diálogo sobre as diversas formas de pertencimento.

Durante a apresentação das histórias, surgiram relatos profundamente marcantes que revelaram as perdas e os afetos carregados pelos alunos venezuelanos em sua trajetória migratória. Deixar para trás a bicicleta do irmão, o cachorrinho da família, a roupa especial — aquela que ele tanto gostava e que agora só existe na lembrança guardada em uma fotografia — foram exemplos reais compartilhados com emoção. Ouvir o que os colegas venezuelanos tinham a contar era algo esperado com curiosidade e respeito por toda a turma.

Naquele momento, eles não eram mais apenas ouvintes de narrativas fictícias, mas participantes de histórias vividas, contadas por vozes próximas, concretas. A bicicleta possuía uma cor, o cachorro tinha nome, a roupa remetia a um personagem querido — cada elemento carregava significados profundos. As histórias se tornavam pontes entre mundos, e os alunos, antes leitores, transformavam-se também em autores de memórias que ecoavam em todos que ali estavam.

Nesse processo, o exercício da escuta ativa revelou-se essencial. Abrir espaço para que os alunos compartilhassem suas memórias, sentimentos e perspectivas exigiu de nós um olhar mais atento, empático e disposto a acolher o inesperado. Foi necessário adaptar estratégias, rever planejamentos e permitir que novas práticas emergissem a partir das necessidades e potencialidades do grupo.

Essa postura nos levou a refletir sobre a importância de uma educação que não se limita aos conteúdos formais, mas que se constrói no encontro com o outro — uma educação que humaniza, que escuta e que transforma, também a nós, professores, em permanente processo de aprendizagem.

A atividade seguinte propôs a produção de cartazes com desenhos que representassem a casa, o bairro e a rua de cada aluno, convidando-os a revisitar memórias e reconhecer traços de sua identidade. Surgiram, então, imagens carregadas de afeto: algumas retratavam o lar atual, onde vivem com a família; outras resgatavam, por meio do colorido dos lápis de cor, lembranças da antiga casa.

Ao final, o conjunto de produções formava um emaranhado de histórias desenhadas, revelando mundos particulares através de formas e cores. O prédio verde com o campo ao lado, o apartamento no alto do edifício, a casa próxima à rua do meio, e até aquela que só permanece viva na memória de quem partiu — todas essas imagens compunham uma narrativa coletiva. Cada traço era também uma tentativa de pertencimento, um elo entre passado e presente, entre o que ficou e o que se reconstrói a cada novo dia na escola.

Já a leitura do livro “A menina que abraça o vento” abriu espaço para abordagens mais profundas sobre o tema da imigração: a saudade da família e os desafios de adaptação em um novo país. Nesse contexto, foi realizada uma roda de conversa com os alunos migrantes, que puderam compartilhar suas experiências pessoais, memórias escolares e situações marcantes vividas no seu país de origem.

A construção de uma “mala simbólica” — na qual cada criança desenhou os objetos que levaria consigo em uma longa viagem — revelou-se uma atividade profundamente significativa, capaz de acessar os afetos, lembranças e desejos que habitam o imaginário infantil sobre os deslocamentos.

Nos desenhos, emergiram escolhas que, aos olhos de um adulto, poderiam parecer simples ou inesperadas, mas que carregavam intensamente o sentido daquilo que é essencial para uma criança: chocolates, doces, brinquedos novos ou antigos, roupas especiais, material escolar, presente ganhado de uma pessoa querida. Cada item desenhado era mais do que um objeto — era memória, segurança, conforto e vínculo. A mala tornava-se, assim, um espaço simbólico de pertencimento, onde os afetos se materializavam em cores e formas.

Paralelamente a essas ações, os encontros na sala de leitura, sob coordenação da professora responsável, contribuíram para o enriquecimento do projeto. A obra “Letras de carvão”, de Irene Vasco, ambientada em um vilarejo colombiano, onde poucos sabem ler, destacou a importância da alfabetização como ferramenta de transformação. Essa leitura permitiu ampliar o olhar dos alunos para outras realidades culturais, conectando a prática leitora à valorização da educação como um direito universal.

Durante todo o projeto, diferentes estratégias pedagógicas foram utilizadas para fomentar o envolvimento e a expressão dos estudantes: rodas de conversa, leitura compartilhada, entrevistas, pesquisas com imagens, construção de cartazes, produção de maquetes, desenhos e pinturas. Essas atividades possibilitaram a construção de um ambiente acolhedor, no qual os alunos puderam dialogar com suas próprias histórias e com as dos colegas, desenvolvendo empatia, respeito e consciência social.

Ao final do processo, os resultados expressaram não apenas o aprendizado sobre os temas trabalhados, mas, sobretudo, a riqueza das trocas culturais vividas pelas crianças, fortalecendo vínculos, reconhecendo diferenças e reafirmando a escola como espaço de escuta, acolhimento e valorização da diversidade.

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do projeto foi realizada de forma contínua e processual, por meio da observação atenta do envolvimento dos estudantes em cada etapa da proposta. Desde os primeiros momentos, foi possível perceber o interesse genuíno das crianças pelas temáticas abordadas, o que se refletiu em sua participação ativa nas

rodas de conversa, nas produções artísticas, nas reflexões e no compartilhamento de experiências pessoais.

O impacto da proposta sobre a aprendizagem dos alunos foi significativo, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, à valorização da escuta e do respeito às diferenças e à ampliação do repertório cultural. Através das histórias vividas e contadas, os estudantes demonstraram empatia, curiosidade, senso de pertencimento e uma maior capacidade de expressão oral e escrita.

Na culminância do projeto, a alegria e o orgulho dos alunos ao apresentarem suas produções para os familiares foi um momento de grande significado. A exposição montada no pátio da escola transformou-se em um espaço de partilha e celebração, onde os cartazes e demais trabalhos ganharam vida por meio das narrativas dos próprios estudantes. Eles relataram, com entusiasmo, trechos das histórias conhecidas nos livros e também das vivências reais compartilhadas pelos colegas.

Essa vivência evidenciou não apenas o engajamento dos alunos, mas também a potência da literatura e da escuta sensível como ferramentas para a valorização das identidades, das memórias e das múltiplas formas de expressão presentes no ambiente escolar.

A vivência proporcionada pelo projeto ultrapassou os muros da sala de aula e também refletiu diretamente em nossa trajetória como educadores. Dialogar com a literatura infantil e com as histórias de vida de nossos alunos foi um convite para repensar práticas e ressignificar o nosso papel docente.

Ao acolher as diferentes vozes presentes no ambiente escolar, revisitamos a função do professor como mediador cultural, responsável não apenas pela transmissão de conteúdo, mas pela construção de vínculos, pela escuta sensível e pela valorização das identidades. Essa experiência nos desafiou a reconhecer que a aprendizagem ganha sentido quando está conectada com o vivido, com o afeto e com o pertencimento.

A educadora Jussara Hoffmann (2017, p. 20) reforça essa concepção, ao afirmar que “não há educação sem uma avaliação que leve em conta o sujeito, sua história de vida, sua trajetória escolar, seus processos de aprendizagem”, o que

amplia a responsabilidade do professor e da escola em conhecer e respeitar as singularidades dos alunos. Essa perspectiva esteve presente em todo o percurso do projeto, que buscou compreender o estudante de forma integral, considerando suas experiências, suas origens e seus modos de aprender.

Essa escuta atenta às trajetórias individuais não beneficiou apenas os alunos migrantes. Os estudantes nascidos no Brasil também se reconheceram nesse espaço de valorização da singularidade, ao perceberem que suas próprias histórias, culturas e modos de aprender eram legitimados e respeitados. Muitos deles, historicamente invisibilizados por um currículo homogêneo e distante de suas realidades, encontraram no projeto uma oportunidade de expressão e pertencimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto foi profundamente significativa, tanto para os estudantes quanto para nós, educadores. Ao propor uma abordagem que valorizasse a escuta, o acolhimento e o respeito às histórias de vida de cada aluno, criamos um espaço de aprendizagens verdadeiras, em que todos se sentiram parte do processo.

Para os alunos, especialmente aqueles em processo de adaptação a uma nova cultura, a proposta foi uma oportunidade de reconhecimento e pertencimento. Eles puderam se expressar, contar suas histórias e serem ouvidos com atenção e afeto. As atividades promoveram não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também fortaleceram vínculos afetivos, a autoestima e o respeito à diversidade cultural. Essa escuta atenta às trajetórias individuais, no entanto, não se restringiu aos alunos migrantes. Os estudantes nascidos no Brasil também se beneficiaram de um espaço que reconheceu suas identidades, histórias e modos de aprender.

Para nós, professores, a experiência contribuiu imensamente para nossa formação pessoal e profissional. Ao dialogar com a literatura infantil e com as vivências de nossos alunos, revisitamos nosso papel como mediadores de conhecimento, comprometidos com uma educação mais humana, significativa e inclusiva. Foi um exercício constante de escuta ativa, sensibilidade e adaptação, que exigiu abrir espaço para novas práticas e reflexões sobre o nosso fazer pedagógico.

As trocas vividas ao longo do projeto deixaram marcas que cruzaram não apenas fronteiras geográficas, mas também simbólicas: atravessaram memórias, tocaram afetos e construíram pontes entre mundos aparentemente distantes. Saímos dessa experiência com a certeza de que ensinar e aprender são atos profundamente humanos — são encontros entre histórias que cruzam fronteiras e conectam corações, criando um espaço onde todos pertencem, onde todas as vozes importam e onde a educação se revela como território de afeto, escuta e transformação.

7. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 15 maio 2025.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/687309350/Ler-na-escola-Os-livros-de-leitura-Teresa-Colomer>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Intercultura e educação*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 16-35, mai./ago. 2003.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 21. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 21-42.

LUDVICHAK, Dílvia. *Travessias*. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2022.

PARAGUASSU, Fernanda. *A menina que abraça o vento*. 1. ed. São Paulo: Editora Voo, 2017.

VASCO, Irene. *Letras de carvão*. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.